

Perfil da Automedicação entre Universitários dos Cursos da Saúde no Nordeste Brasileiro

Josefa de Jesus Querino¹,
Chiara Erminia da Rocha²

Destaques:

- (1) A automedicação é prevalente entre os universitários de 18 a 23 anos, sexo feminino, solteiros, renda familiar de até 2 salários mínimos e que utilizam o SUS.
- (2) O conhecimento sobre o medicamento e o acesso a diferentes fontes de informações são estimulantes para a automedicação.
- (3) Os cursos da saúde devem explorar os fatores que influenciam a automedicação, os perigos e os custos para o sistema de saúde a nível individual ou coletivo.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi conhecer o perfil de automedicação entre os universitários da área de saúde de uma instituição pública de ensino. Trata-se de uma pesquisa observacional com delineamento transversal, realizada com os estudantes dos cursos de Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Nutrição, Odontologia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Sergipe (UFS), *Campus Lagarto*. Foi utilizado instrumento adaptado do estudo de Coelho¹⁶, contendo 29 questões sobre os dados sociodemográficos e a prática da automedicação. A coleta de dados ocorreu no período de dezembro de 2020 a março de 2021. O questionário foi enviado aos participantes por meio do aplicativo *Google Forms*. Os dados foram analisados mediante estatística descritiva e inferencial ao nível de significância de $p < 0,05$. Entre os participantes ($n=210$), constatou-se que 97,14% ($n=204$) dos estudantes já praticaram a automedicação, apesar de terem conhecimento sobre os riscos de tal prática. A cefaleia foi a queixa mais manejada por automedicação (85,78%; $n=175$) e as classes farmacológicas mais utilizadas foram os analgésicos (90,69%; $n=185$) e os anti-inflamatórios (48,53%; $n=99$). A automedicação foi realizada com o uso de prescrições antigas (54,41%; $n=111$) e pelo conhecimento adquirido durante a Graduação (53,92%; $n=110$). Os estudantes tiveram como principal fonte de informação a bula do medicamento (81,37%; $n=166$). A automedicação, portanto, é uma prática expressiva entre os universitários da área da saúde, o que demanda a conscientização e a compreensão sobre as implicações positivas e negativas advindas com essa prática para os futuros pacientes desses universitários.

Palavras-chave: autocuidado; automedicação; educação superior; estudantes.

PROFILE OF SELF-MEDICATION AMONG UNIVERSITY STUDENTS OF HEALTH COURSES IN NORTHEASTERN BRAZIL

ABSTRACT

This study aimed to know the self-medication profile among university students in the health area of a public educational institution. This is observational research with a cross-sectional design, carried out with the students of the courses of Nursing, Pharmacy, Physiotherapy, Speech Therapy, Medicine, Nutrition, Dentistry, and Occupational Therapy of the Federal University of Sergipe (UFS), *Campus Lagarto*. An instrument adapted from the Coelho¹⁶ study containing 29 questions about sociodemographic data and the practice of self-medication was used. Data were collected from December 2020 to March 2021. The questionnaire was sent to participants through the Google Forms app. The data were analyzed using descriptive and inferential statistics at the significance level of $p < 0.05$. Among the participants ($n=210$), it was found that 97.14% ($n=204$) of the students had already practiced self-medication, despite knowing the risks of such practice. Headache was the most managed complaint by self-medication (85.78%; $n=175$) and the most used pharmacological classes were analgesics (90.69%; $n=185$) and anti-inflammatory drugs (48.53%; $n=99$). Self-medication was performed with the use of old prescriptions (54.41%; $n=111$) and by the knowledge acquired during graduation (53.92%; $n=110$). The main source of information was the medicine package leaflet (81.37%; $n=166$). Therefore, self-medication is an expressive practice among university students in the health area, which requires awareness and understanding about the positive and negative implications of this practice for the future patients of these university students.

Keywords: self-care; self-medication; higher education; students.

¹ Universidade Federal de Sergipe. *Campus Lagarto*/SE, Brasil.

² Universidade Federal de Sergipe. *Campus Lagarto*/SE, Brasil.

INTRODUÇÃO

A automedicação foi definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1998, como a seleção e o uso de medicamentos com o objetivo de tratar doenças ou sintomas autorreferidos sem receita médica ou via prescrições emitidas no passado que são reutilizadas, apesar de não terem especificações de uso contínuo^{1,2}. Para tanto, adquirir e utilizar medicamentos inadequados expõem o indivíduo ao risco de efeitos indesejáveis e a gastos em saúde desnecessários. Além disso, a automedicação, feita de forma indiscriminada, pode mascarar sinais e sintomas importantes, agravando o quadro clínico do paciente e levando a uma recomendação terapêutica equivocada que ocasiona transtornos mais graves que a doença inicial^{3,4}.

No Brasil, segundo o Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (Sinitox), somente em 2017 cerca de 27,11% das intoxicações registradas foram causadas por uso de medicamentos, com 20.637 casos de intoxicações e 50 óbitos⁵. Alguns fatores são determinantes na prática da automedicação, tais como a falta de acesso ao serviço de saúde, o elevado custo das consultas médicas, a facilidade na compra de medicamentos sem receita, o medo do agravamento da queixa, a propaganda excessiva nos meios de comunicação de massa e o acesso rápido às informações sobre medicamentos na internet que não relatam os riscos advindos no consumo desses produtos^{4,6}.

A automedicação é um prática cada vez mais frequente na população brasileira, o que não difere entre o público universitário. Diversos estudos demonstraram altas taxas de automedicação entre universitários de diferentes cursos da área de saúde^{4,7,8}. Tal prática pode estar relacionada a fatores como a autoconfiança advinda do conhecimento adquirido durante a Graduação, o fácil acesso a medicamentos, o contato direto com profissionais da área da saúde e, até mesmo, a falta de tempo para procurar assistência médica^{9,10}.

Por outro lado, a prática da automedicação é aceitável e definida como automedicação responsável porque os indivíduos recebem orientações do farmacêutico quanto ao uso correto do medicamento¹¹. Essa prática pode ser realizada com os Medicamentos Isentos de Prescrição (MIPs) por meio da prescrição farmacêutica, que possibilita a seleção das terapias com base nas necessidades de saúde do paciente. Sendo assim, cabe ao farmacêutico, juntamente com a equipe multiprofissional, contribuir na prática da automedicação responsável e no Uso Racional de Medicamentos (URM)^{12,13}.

Dessa forma, o olhar para a Graduação em saúde foca na necessidade de fortalecer e adotar atividades de intervenção educativa sobre os medicamentos que explorem a rotina dos estudantes e sua prática futura¹⁴. Considerando, portanto, o contexto da Instituição de Ensino Superior (IES) em que o estudo foi realizado, que adota metodologias ativas como estratégia para o ensino e a aprendizagem, é esperada a inserção dos universitários em ambientes de prática profissional por meio de disciplinas que explorem os gatilhos do uso irracional dos medicamentos e que propiciem a análise criteriosa dos eventos de automedicação.

Para tanto, é necessário a condução de estudos sobre a prevalência da automedicação entre universitários da área da saúde, posto que serão os profissionais responsáveis por orientar e promover o URM¹⁰. Ademais, a inserção de tópicos que abordem o URM em disciplinas transversais ao longo da Graduação seria uma das estratégias para prover o desenvolvimento e potencialização de competências clínicas para as tomadas de decisão acerca do uso de medicamentos^{14,15}. Sendo assim, pretendeu-se, com a presente pesquisa, conhecer o perfil de automedicação entre os universitários da área de saúde de uma instituição pública de ensino.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo observacional, com delineamento transversal, realizado na Universidade Federal de Sergipe (UFS), *Campus* Lagarto, instituição localizada na região Centro-Sul do Estado de Sergipe. O *Campus* oferta oito Graduações na área de saúde: Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Nutrição, Odontologia e Terapia Ocupacional. Os cursos oferecidos são divididos em ciclos anuais e apresentam uma proposta pedagógica inovadora pela utilização de metodologias ativas de ensino-aprendizagem.

A população-alvo incluiu estudantes dos oito cursos da área da saúde do *Campus*. Para o cálculo do tamanho da amostra foi considerado um intervalo de confiança (IC) de 95%, sendo a margem de erro de 5%. Assim, participaram da pesquisa 210 universitários durante o período de dezembro de 2020 a março de 2021.

Os participantes foram selecionados mediante amostragem consecutiva e abordados por meio de um convite enviado para seus endereços de *e-mails* por intermédio da Secretaria de Apoio Administrativo de Lagarto (Seclag/UFS/Lag). Foram incluídos os estudantes regularmente matriculados em um dos oito cursos superiores oferecidos pela instituição, cursando do 1º ao 6º ciclo (1º ao 6º ano letivo), a depender do curso do participante, de ambos os sexos, a partir dos 18 anos de idade e que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos do estudo os universitários que não responderam ao questionário até a data estipulada.

Foi utilizado para coleta de dados questionário adaptado do estudo de Coelho¹⁶, composto por 29 questões, a fim de conhecer o perfil sociodemográfico dos universitários – gênero, idade, estado marital, curso, ciclo, forma de acesso ao serviço de saúde, renda, com quem reside – e a prática da automedicação – queixas que levaram à automedicação, medicamentos utilizados, o conhecimento dos universitários sobre os riscos da automedicação, bem como as fontes de informação utilizadas para se automedicarem e se possui conhecimento dos riscos ou, ainda, se apresentou algum efeito indesejável. O questionário foi enviado aos participantes via formulário eletrônico *on-line* viabilizado pelo aplicativo *Google Forms*.

A análise dos dados ocorreu por intermédio da tabulação dos dados no *software* Microsoft *Excel*® (2016) e analisados no programa *BioEstat* e *Statcalc do Epi-info* versão 3.3 for Windows, sendo listadas a frequência, medidas de tendência central e variabilidade das variáveis coletadas, e estas apresentadas em Gráficos e Tabelas. Para avaliar a significância estatística da associação entre a variável automedicação e as variáveis sociodemográficas, foi utilizado o teste do Qui quadrado de Mantel Haenszel e o exato de Fisher, quando conveniente, com um intervalo de confiança de 95%. Na análise tabular variáveis, cujas estimativas da razão de prevalência apresentarem um *p* valor <0,05, foi analisada a existência de potenciais confundidores.

A pesquisa ocorreu em conformidade com as Diretrizes e Normas Regulamentadas de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde, dispostas na Resolução nº 466/2012, sendo submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UFS e aprovado sob parecer número 4.442.330 e do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de número 31725620.1.0000.5546.

RESULTADOS

Entre os 210 participantes, constatou-se que a média de idade foi de 22,5± 3,63 anos, cuja amplitude foi de 18 a 44 anos de idade, 72,38% (n=152) eram do sexo feminino, 22,38% (n=47) eram do curso de Farmácia, 14,76% (n=31) de Medicina e 13,33% (n=28) de Enfermagem. Foi predominante os entrevistados que cursavam entre o 4º (25,24%; n=53) e o 5º ciclos (25,24%; n=53). No que diz respeito ao estado marital, 91,43% (n=192) declararam ser solteiros e 75,24% (n=158) declararam

residir com familiares. No que se refere aos serviços de saúde utilizados pelos estudantes, 61,43% (n=129) faziam uso apenas do SUS, e 18,1% (n=38) faziam uso do SUS e do sistema particular. A renda familiar predominante foi de até 2 salários mínimos para 66,67% (n=140), seguido de 21,43% (n=45) dos participantes com renda de 2 a 4 salários mínimos (Tabela 1).

Tabela 1 – Distribuição das características sociodemográficas da amostra (n=210). Lagarto, dezembro/2020 a março/2021

VARIÁVEIS	FREQUÊNCIA	%
SEXO		
Feminino	152	72,38
Masculino	58	27,62
FAIXA ETÁRIA (EM ANOS)		
18-20	46	21,9
21-23	113	53,81
24-26	32	15,24
27-30	11	5,24
>30	8	3,81
CURSOS		
Farmácia	47	22,38
Medicina	31	14,76
Enfermagem	28	13,33
Fisioterapia	25	11,9
Fonoaudiologia	22	10,48
Terapia Ocupacional	21	10
Nutrição	19	9,05
Odontologia	17	8,1
CICLO		
1° ciclo	23	10,95
2° ciclo	45	21,43
3° ciclo	36	17,14
4° ciclo	53	25,24
5° ciclo	53	25,24
COM QUEM MORA		
Familiares	158	75,24
Amigos	35	16,67
Sozinho	17	8,1
ESTADO MARITAL		
Solteiro	192	91,43

Casado	9	4,29
União estável	9	4,29
RENDA FAMILIAR MENSAL*		
Até 2 salários mínimos	140	66,67
De 2 a 4 salários mínimos	45	21,43
De 4 a 10 salários mínimos	20	9,52
Acima de 10 salários mínimos	3	1,43
Não informou	2	0,95
SERVIÇOS DE SAÚDE		
Sistema Único de saúde (SUS)	129	61,43
Particular e SUS	38	18,1
Plano de saúde e SUS	27	12,86
Particular, plano de saúde e SUS	10	4,76
Plano de saúde	3	1,43
Particular	2	0,95
Particular e plano de saúde	1	0,48

* Salário mínimo vigente a época do estudo = R\$ 1.045,00.

Entre os participantes, 97,14% (n=204) automedicavam-se com analgésicos (90,69%; n=185), anti-inflamatórios (48,53%; n=99), vitaminas (48,04%; n=98), relaxantes musculares (43,63%; n=89), antibióticos (32,84%; n=67) e anti-histamínicos (32,35%; n=66).

No que diz respeito à automedicação, foi observado que em todos os cursos os estudantes praticam a automedicação, tendo destaque para uma maior frequência no curso de Nutrição (100%; n=19), Odontologia (100%; n=17) e Medicina (100%; n=31). Em relação à prática da automedicação por ciclo, foi observado que o 3º (100%; n=36), o 4º (100%; n=53) e o 5º ciclos (96,22%; n=51) se automedicavam com maior frequência (Tabela 2). Ademais, não foram identificadas diferenças estatisticamente significantes ao analisar a prática da automedicação com o curso e ciclo dos pesquisados.

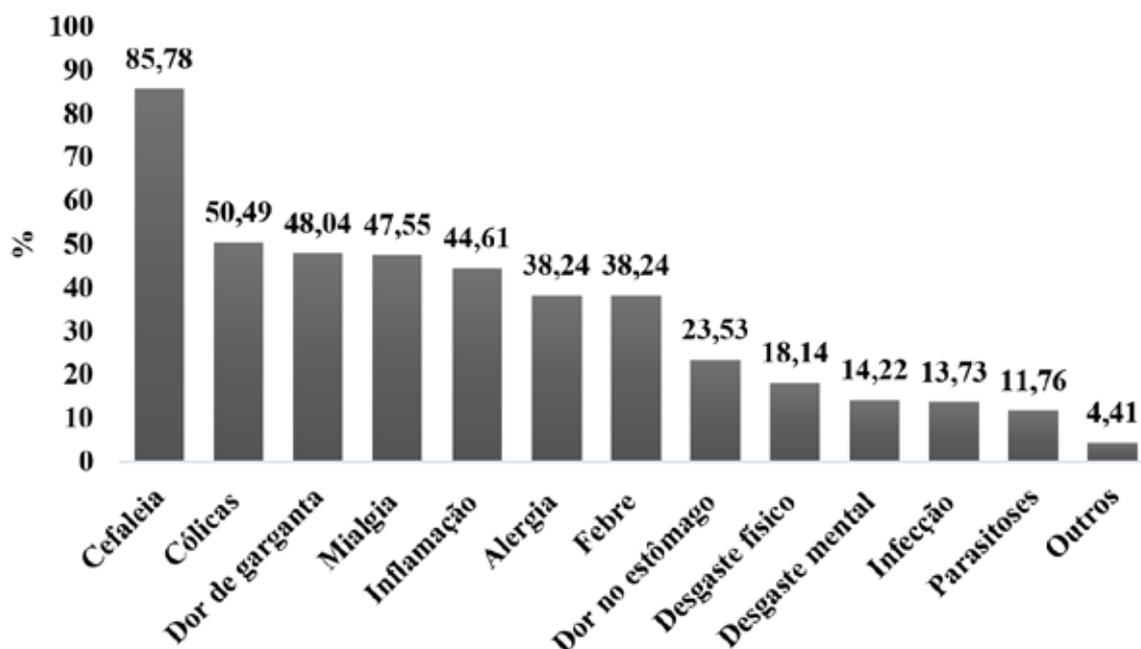
Tabela 2 – Frequência da automedicação, na amostra estudada, segundo o curso e ciclo (n=210).
Lagarto, dezembro/2020 a março/2021

VARIÁVEIS	FREQUÊNCIA	%
CURSO		
Farmácia	46	97,87
Medicina	31	100
Enfermagem	27	96,42
Fisioterapia	23	92
Fonoaudiologia	21	95,45
Terapia ocupacional	21	95,23
Nutrição	19	100

Odontologia	17	100
CICLO		
1º ciclo	21	91,30
2º ciclo	43	95,55
3º ciclo	36	100
4º ciclo	53	100
5º ciclo	51	96,22

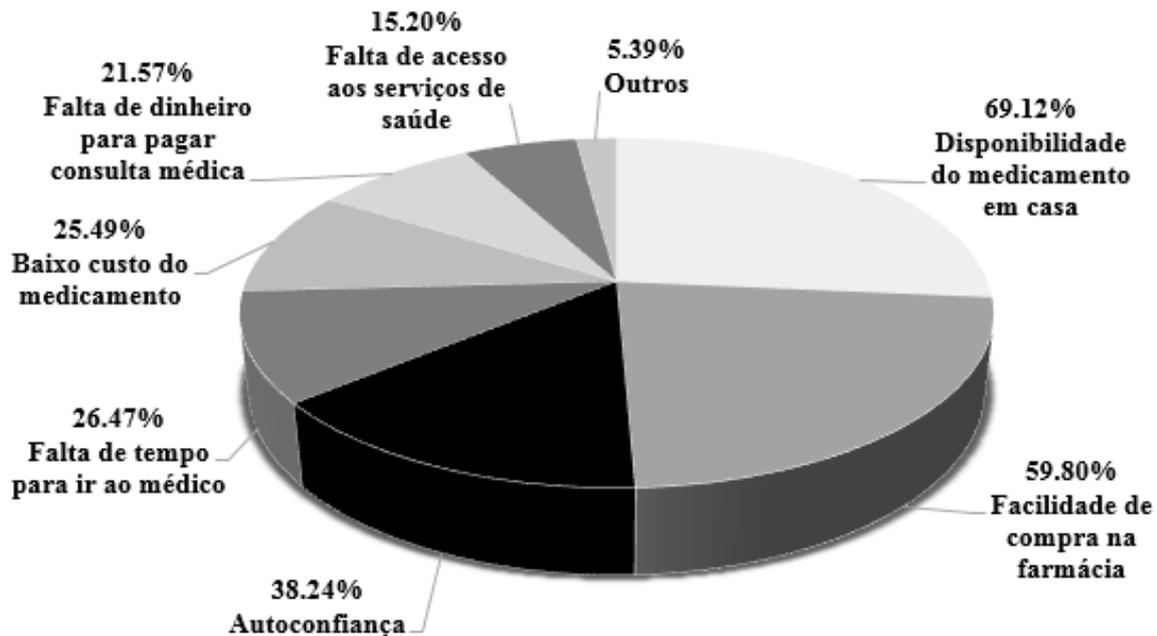
Quanto aos sinais e/ou sintomas tratados pela prática da automedicação, foram prevalentes a cefaleia (85,78%; n=175), as cólicas (50,49%; n= 103) e dor de garganta (48,04%; n= 98) (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Distribuição das queixas tratadas pela prática da automedicação pelos estudantes que se automedicam (n=204). Lagarto, dezembro/2020 a março/2021



Dentre os fatores que facilitavam a prática da automedicação, os participantes apontaram a disponibilidade do medicamento em casa (69,12%; n=141), a facilidade de compra na farmácia (59,80%; n=122) e a autoconfiança no conhecimento sobre os medicamentos (38,24%; n=78) (Gráfico 2). Esses estudantes encontravam-se no 5º ciclo (37,18%; n=29) e no 4º ciclo (26,92%; n=21). Quanto à autoconfiança por curso ($\chi^2 = 29,38$; $p = 0,000123$), essa variável comportou-se como influenciadora da automedicação entre estudantes de Farmácia ($p < 0,01$) e Medicina ($p < 0,01$) e não influenciadora entre aqueles dos cursos de Fonoaudiologia ($p < 0,05$) e Terapia ocupacional ($p < 0,05$). A análise da autoconfiança por ciclo ($\chi^2 = 14,65$; $p = 0,00549$) em que o estudante se encontrava no curso, estava associada aos que cursavam o 5º ciclo ($p < 0,01$). Entre os estudantes do 1º ciclo a autoconfiança não foi preponderante ($p < 0,05$) como já era o esperado.

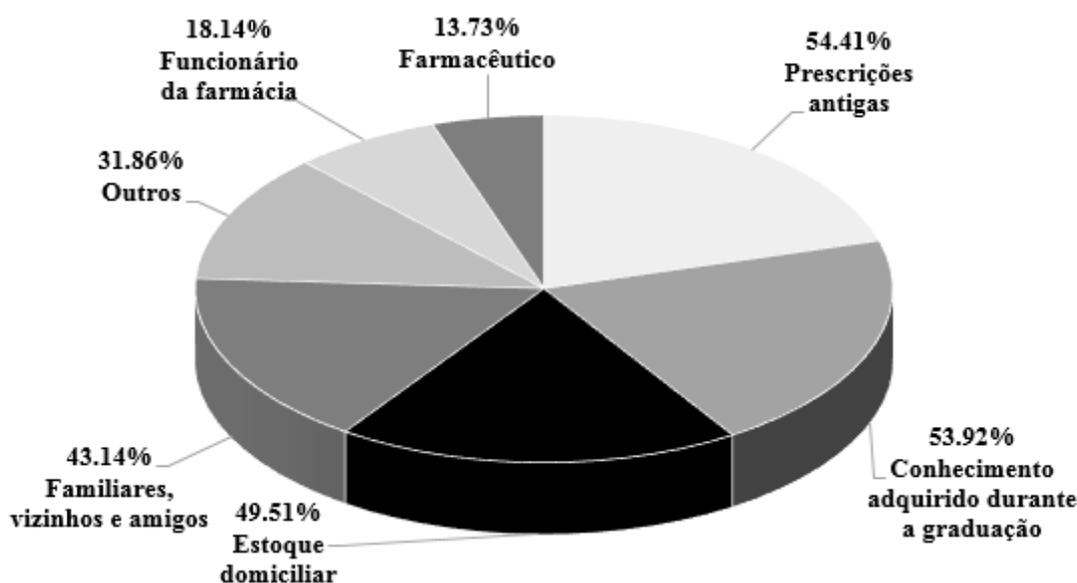
Gráfico 2 – Fatores que facilitaram a prática da automedicação pelos estudantes que se automedicam (n=204). Lagarto, dezembro/2020 a março/2021



Quando se trata do estoque domiciliar de medicamentos, 89,52% (n=188) informaram que tem o hábito de guardar medicamentos em casa e destes, 46,57% (n=95) utilizam estes medicamentos para se automedicarem. Dos participantes, no entanto, 73,04% (n=149) adquirem os medicamentos para automedicação em farmácias e drogarias. Entre os universitários que referiram guardar medicamentos em casa, foi observado que a maioria eram do curso de Farmácia (23,40%; n=44), seguido de Medicina e Fisioterapia, ambos com 13,30% (n=25), e Enfermagem (12,77%; n=24).

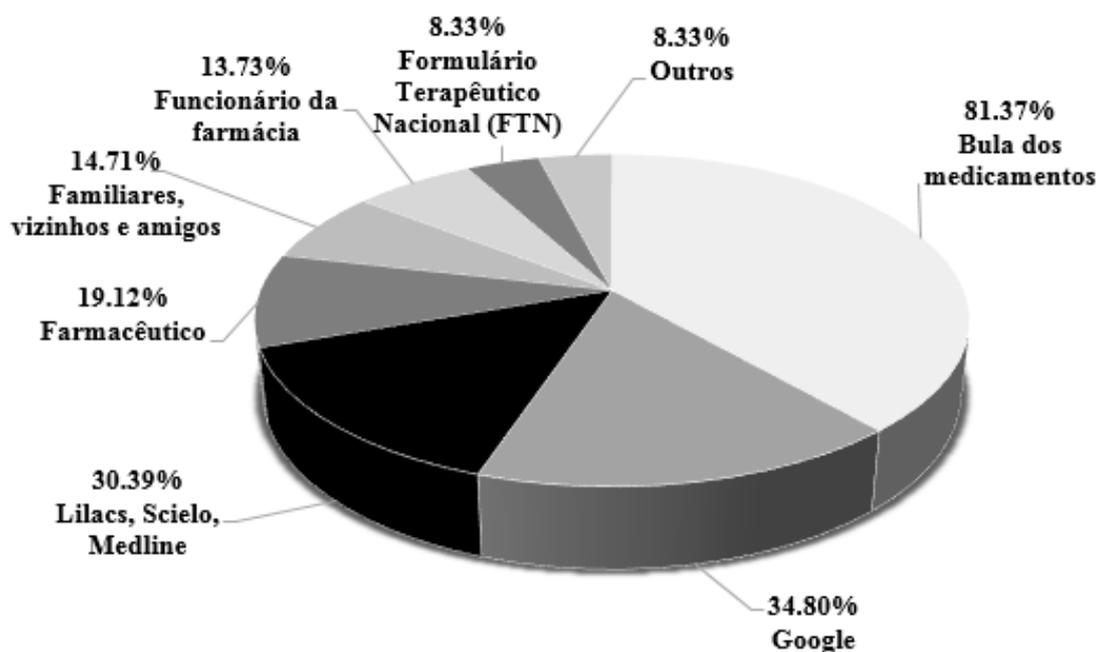
De acordo com o Gráfico 3, 54,41% (n=111) dos estudantes afirmaram que a prática da automedicação foi influenciada por prescrições utilizadas anteriormente, ante a 53,92% (n=110) que foram influenciados pelo conhecimento adquirido durante a Graduação. Ademais, 37,14% (n=78) dos participantes afirmaram que seu conhecimento acerca do medicamento é parcialmente suficiente para a realização segura da automedicação. Entre os estudantes com resposta positiva para a automedicação ter a influência do conhecimento adquirido na Graduação, teve destaque o curso de Farmácia (37,27%; n=41), Medicina (20,91%; n=23) e Enfermagem (16,36%; n=18). Já os ciclos com maior prevalência de automedicação foram o 5º (39,09%; n=43) e o 4º ciclos (27,27%; n=30). Os dados revelaram que o conhecimento durante a Graduação ($\chi^2 = 66,23$; $p < 0,0000001$) era maior entre os estudantes dos cursos de Farmácia ($p < 0,01$) e Medicina ($p < 0,05$), o que não se observou nos cursos de Fonoaudiologia ($p < 0,01$), Nutrição ($p < 0,05$) e Terapia ocupacional ($p < 0,01$). Ao avaliar o conhecimento adquirido ao longo dos ciclos da Graduação ($\chi^2 = 39,58$; $p < 0,0000001$), os estudantes do 5º ciclo ($p < 0,01$) associaram o conhecimento à prática da automedicação.

Gráfico 3 – Fatores que influenciam a prática da automedicação entre os estudantes que se automedicam (n=204). Lagarto, dezembro/2020 a março/2021



Foi observado que 87,75% (n=179) dos participantes acessavam diferentes fontes de informação acerca do medicamento utilizado antes de realizar a automedicação. Entre os estudantes que buscavam informações, a prevalência maior era do curso de Farmácia, (24,58%; n=44), Medicina (15,64%; n=28) e Enfermagem (13,41%; n=24). Dentre as fontes de informações, 81,37% (n=166) dos estudantes que se automedicavam tiveram como principal fonte de informação a bula do medicamento, e apenas 19,12% (n=39) buscavam informações com o farmacêutico (Gráfico 4). A análise demonstrou que 99,44% (n=178) dos participantes entenderam as informações obtidas, e, destes, 88,83% (n=159) informaram cumprir as orientações antes da prática da automedicação.

Gráfico 4 – Fontes de informações usadas pelos estudantes que se automedicam para a prática da automedicação (n =204). Lagarto, dezembro/2020 a março/2021



Entre os participantes que se automedicavam (n=204), 61,76% (n=126) relataram ter conhecimento sobre os efeitos colaterais do medicamento utilizado sob automedicação, em detrimento aos 25,49% (n=52) que não conheciam e os 12,75% (n=26) que não informaram. Esse conhecimento era maior no curso de Farmácia (26,98%; n=34), seguido de Enfermagem e Medicina, com 15,87% (n=20) em ambos os cursos. Já o curso que apresentou um menor conhecimento foi o de Nutrição com 5,56% (n=7).

Os achados identificaram que 93,14% (n=190) dos participantes não apresentaram nenhum efeito indesejável (queixa ou incômodo) ao usar o medicamento por automedicação. Já 6,86% (n=14) afirmaram ter apresentado queixas como sonolência (14,28%; n=2), náuseas (14,28%; n=2), inflamação na garganta (14,28%; n=2) e dor no estômago (14,28%; n=2) ao usar medicamentos como a dipirona (28,57%; n=4) e a associação Cafeína + Carisoprodol + Diclofenaco sódico + Paracetamol (14,28%; n=2).

Não obstante, 80,48% (n=169) dos universitários afirmaram ter conhecimento dos riscos advindos da automedicação, enquanto 19,52% (n=41) não tinham conhecimento de tais riscos. Esse conhecimento foi prevalente entre os estudantes do curso de Farmácia (27,22%; n=46), Medicina (16,57%; n=28) e Enfermagem (13,02%; n=22). Dentre os riscos citados pelos estudantes, destacam-se as reações adversas (27,81%; n=47), efeitos colaterais (26,63%; n=45), resistência (24,26%; n=41), alergia (23,08%; n=39), intoxicações (19,53%; n=33), dependência (15,98%; n=27), interações medicamentosas (13,02%; n=22) e agravamento da doença (10,06%; n=17).

A análise revelou associação entre conhecer os riscos advindos com a prática da automedicação e o curso de Graduação dos participantes ($\chi^2 = 23,18$; $p = 0,001587$). A análise de resíduos revelou que a associação foi estatisticamente significativa entre os estudantes dos cursos de farmácia ($p < 0,01$), nutrição ($p < 0,05$) e terapia ocupacional ($p < 0,01$). Ou seja, apesar da automedicação ofertar riscos à saúde, esses universitários a praticavam. Quando indagados sobre o conhecimento do efeito colateral dos medicamentos ($\chi^2 = 33,43$; $p = 0,0025$), o resultado não se replicou entre os cursos anteriormente citados quanto à prática da automedicação. Isto é, conhecer os efeitos colaterais dos medicamentos foi associado aos estudantes do curso de medicina ($p < 0,05$) e muito menos aos dos cursos de fonoaudiologia ($p < 0,05$) e nutrição ($p < 0,05$).

Não houve associação estatisticamente significativa entre o sexo, o estado marital ou o convívio familiar e a prática da automedicação. Quando, no entanto, indagados sobre a prática da automedicação no período anterior e durante a pandemia da Covid-19, a automedicação foi 1,34 vezes mais frequente independente da pandemia ($p < 0,0000001$).

DISCUSSÃO

Foi observada alta prevalência de automedicação em estudantes da área da saúde, o que corrobora os achados de outros estudos realizados no Brasil^{4,17-20}. Pismel et al.²¹ identificaram entre os estudantes de medicina prevalência de 89,4% de automedicação. Confirmando esses achados, Zampieron et al.²² relataram que, dos 244 acadêmicos dos cursos de Farmácia, Enfermagem e Medicina da Universidade Federal do Mato Grosso, 97,13% afirmaram ter praticado a automedicação, cuja frequência foi maior no curso de Farmácia (100%; 110), seguido de Enfermagem (95,77%; 68) e de Medicina (93,65%; 59).

A amostra era composta por estudantes do sexo feminino, o que se assemelha ao encontrado no estudo de Freitas, Marques e Duarte²³, que aponta para maior presença das mulheres nos cursos superiores. Conforme o Censo da Educação Superior (Inep)²⁴, as mulheres correspondem a 55% dos estudantes ingressantes, 57% dos matriculados e 61% dos concluintes dos cursos de Graduação.

Ademais, a predominância das mulheres na educação superior pode estar associada a maior procura pela capacitação, tendo em vista a conquista e a manutenção de espaço no mercado profissional^{20,24}.

Constatou-se, ainda, que a faixa etária de maior participação foi de 18 a 23 anos, equivalente a Colares et al.²⁵, em que essa também foi a faixa etária mais expressiva; resultado semelhante ao encontrado por Pismel et al.²¹, no qual a faixa etária predominante foi entre 20 e 24 anos. Destaca-se que outros estudos apontam a prevalência da automedicação no público universitário jovem. Tal fato pode estar relacionado com a inserção destes no Ensino Superior logo após a conclusão no Ensino Médio. Além disso, o consumo de medicamentos sem prescrição médica nesse público pode ser correlacionado com a busca rápida para tratar os efeitos e prevenir doenças decorrentes da má alimentação, sono e estresse vivenciados na rotina acadêmica^{19,26}.

Estudo realizado por Porto et al.²⁷, em que a renda familiar predominante dos pesquisados (35%) foi equivalente a dois salários mínimos, corrobora os resultados do presente estudo, o que também pode explicar ser o SUS o serviço de saúde mais utilizado pelos estudantes. Teixeira²⁸ visualizou que em sua amostra os alunos possuíam algum tipo de plano de saúde, bem como no estudo de Freitas, Marques e Duarte²³. Ademais, é válido salientar que a renda familiar e a quantidade de consultas médicas são fatores que podem ter relação com a automedicação, tendo como base que a demora de acesso a consultas médicas pode justificar a reutilização de prescrições anteriores²⁸.

As principais classes farmacológicas utilizadas pelos estudantes na prática da automedicação foram os analgésicos e anti-inflamatórios, seguidos das vitaminas e relaxantes musculares. Tais resultados também estão em concordância com o estudo de Colares et al.²⁵, em que as classes mais utilizadas foram os analgésicos e antitérmicos, seguidos dos anti-inflamatórios e antialérgicos. Ademais, no estudo de Domingues et al.¹⁷ os medicamentos mais utilizados foram os analgésicos e os anti-inflamatórios. Esses medicamentos considerados de venda livre são adquiridos sem necessidade de prescrição médica, e compõem o rol de opções de tratamento na automedicação^{21,29}. O baixo custo e a facilidade no acesso aos medicamentos nas farmácias, bem como a disponibilidade dessas classes no estoque domiciliar, podem ser considerados fatores propulsores na prática da automedicação e na exposição aos efeitos indesejáveis característicos desses fármacos. Além disso, o fato de serem estudantes da área da saúde e detentores de maiores informações e conhecimentos, influencia significativamente na escolha do medicamento usado sob automedicação^{15,30} quanto à seleção do tratamento segundo a queixa em apresentação e doses efetivas e seguras.

Diante do exposto, a análise revelou que as principais queixas manejadas com a automedicação foram cefaleia e cólicas, seguidas de dor de garganta e mialgia. Assim, é possível inferir que as queixas mais apontadas condizem com as classes dos medicamentos mais utilizadas em outros estudos^{15,21}. A rotina diária, associada ao desgaste físico e psicológico em virtude de longas horas de estudo e responsabilidades acadêmicas, principalmente por se tratar de cursos com metodologias ativas e carga horária integral, impõem situações de estresse e comprometimento do sono, fatores que podem estar associados à manifestação da dor.

Do mesmo modo, a propaganda em massa contribui na prática da automedicação, pois tende a influenciar a população a procurar assistência médica apenas em casos em que os sintomas persistirem, minimizando os riscos advindos do consumo destes produtos. Ainda é relevante o fato de que a reutilização de prescrições antigas propicia a prática da automedicação, como identificado por Tognoli et al.¹⁵. Esse fato pode ser explicado pelo aumento de conhecimentos acerca do medicamento durante as anteriores experiências exitosas. Adicionalmente, serem estudantes da área da saúde e estarem vinculados a uma aquisição gradual de conhecimentos sobre os medicamentos e as doenças no decorrer da formação acadêmica, confere maior confiança nos estudantes que praticam a automedicação^{31,32,35}. É possível inferir, no entanto, que, apesar do processo de formação e do

conhecimento adquirido na Graduação, funcionários de farmácias, familiares, vizinhos e amigos ainda tendem a influenciar a prática da automedicação²⁵.

Identificou-se que uma grande parte dos universitários relatou ter adquirido os medicamentos em farmácias e drogarias. Resultado concordante ao encontrado por Gama e Secoli³⁰. A falta de recursos financeiros para pagar um plano de saúde privado e a dificuldade em conseguir atendimento médico pelo sistema público no Brasil, são condições que levam à prática da automedicação^{15,25}. Diante do exposto, entende-se que a farmácia é um local de fácil e rápido acesso que leva a população a recorrer primeiramente a este estabelecimento de saúde, antes mesmo de procurar assistência médica. Nesse contexto, a presença do profissional farmacêutico nas farmácias e drogarias é de grande importância para a promoção do URM, posto que este profissional tem o papel de identificar e tratar problemas de saúde de baixa gravidade por meio da prescrição farmacêutica, bem como encaminhar para outros profissionais de saúde em casos mais graves. Assim, além de diminuir a prática da automedicação irresponsável, este profissional pode proporcionar melhores resultados com a utilização dos medicamentos de venda livre¹.

A prática da automedicação durante a Covid-19 esteve presente entre os universitários pesquisados com o intuito de prevenir ou tratar a Covid-19. Segundo o estudo de Filler et al.²⁶, os participantes relataram ter evitado ir a consultas médicas com medo de contágio com a doença, constatando, assim, a pandemia como um fator que pode levar à prática da automedicação. Enfatiza-se, ainda, que a mudança na rotina dos estudantes com a suspensão de aulas presenciais e inserção da modalidade *on-line* pode levar a problemas como cefaleias e dores musculares devido à ergonomia e muitas horas de estudo diante dos dispositivos eletrônicos, contribuindo para o manejo de sintomas com medicamentos escolhidos por conta própria²⁶.

Adicionalmente, é importante ressaltar que os participantes tinham o hábito de guardar medicamentos em casa, fato que proporciona a prática da automedicação, como afirmado pelos estudantes. Vale destacar que as sobras dos medicamentos de outros tratamentos ou da própria prática da automedicação e a aquisição de medicamentos sem prescrição, são os principais fatores que levam ao estoque domiciliar de medicamentos. Ademais, essas atitudes demonstram que a população não leva em consideração os riscos associados ao uso inadequado dos medicamentos¹.

A automedicação, quando realizada sem orientação farmacêutica, pode causar o agravamento da doença, resistência ao medicamento, interações medicamentosas, alergias e reações adversas¹. Foi verificado que, apesar de os estudantes terem consciência dos riscos da automedicação, ocorre o consumo de medicamentos sem prescrição médica e/ou orientação de um profissional de saúde. Corroborando esses achados, Tognoli et al.¹⁵ também encontraram uma prevalência de 98,38% entre os universitários de medicina que acreditavam que a prática da automedicação, quando realizada de forma irresponsável, ocasiona eventuais riscos à saúde. O esperado, no entanto, seria que esse conhecimento contribuísse para o consumo de medicamentos de forma mais responsável e segura, uma vez que quanto maior o grau de instrução deveria ser menor a prática da automedicação irresponsável²⁶.

A maioria dos participantes que recorria à automedicação não apresentou efeitos indesejáveis durante a utilização do medicamento. Mesmo sendo medicamentos isentos de prescrição, todavia, é importante salientar que todos os medicamentos são passíveis de provocar efeitos adversos e até intoxicações. No caso de analgésicos e anti-inflamatórios não esteroidais (Aines), podem ser destacados os distúrbios gastrointestinais e as alergias. Assim, vale salientar a importância da identificação e da notificação destes casos, levando em consideração os impactos financeiros no serviços de saúde^{1,25}.

Constatou-se que, no presente estudo, a autoconfiança foi um fator que facilitou a automedicação entre os entrevistados, principalmente nos cursos de Farmácia e Medicina. Essa maior confiança pode

está vinculada aos estudantes da área da saúde e ao acúmulo de conhecimento sobre o uso dos medicamentos adquiridos durante a Graduação. A autoconfiança para a realização da automedicação por parte dos estudantes de Farmácia e Medicina pode ser justificada devido à formação acadêmica ser voltada para a área dos medicamentos e das doenças. Além disso, a presença de disciplinas com aulas teóricas e práticas na grade curricular reforça a aquisição de conhecimentos necessários sobre o uso dos medicamentos, o que empodera e propicia a automedicação. É importante salientar, no entanto, que a automedicação, mesmo quando realizada com base no autoconhecimento, pode ocasionar potenciais riscos e deve ser realizada com a orientação de um profissional de saúde⁴.

Foi possível observar que os estudantes do 5º ciclo tinham uma autoconfiança maior para a prática da automedicação quando comparados com os estudantes do 1º ciclo. Dados encontrados em outros estudos também constata que há uma intensificação na confiança devido ao acúmulo de conhecimento sobre os medicamentos adquiridos durante a trajetória acadêmica para a realização da automedicação quando se compara períodos iniciais e concluintes da Graduação^{2,22}. Dessa forma, seria esperado que tal conhecimento fosse mais reflexivo e determinante para atitudes condizentes e adequadas à sua formação acadêmica; ou seja, que a automedicação ocorresse com menos frequência, posto que são estudantes conscientes dos riscos e benefícios causados pelos medicamentos. Ademais, enquanto futuros profissionais da saúde, são responsáveis por orientar a população. Os estudantes que frequentam a universidade por mais tempo, entretanto, dispõem de maiores informações que auxiliam na escolha do medicamento, e torna-se mais seguro e confiante por seus entendimentos técnicos e teóricos para a prática da automedicação¹⁸.

A consulta a fontes de informações científicas que sejam seguras e confiáveis é uma das atitudes que os acadêmicos devem ter para a prática da automedicação responsável. No presente estudo os participantes tiveram como principais fontes de informações a bula do medicamento, a internet e o farmacêutico. Além disso, a literatura relata essa predominância, uma vez que a bula teve destaque como a principal fonte para a busca de esclarecimentos adicionais antes de praticar a automedicação pela facilidade de acesso^{15,25}. As informações contidas nas bulas minimizam os efeitos colaterais e contraindicações, o que influencia na qualidade das informações^{15,30}.

Entre as fontes de informação mais importantes sobre medicamentos e a prática da automedicação, destaca-se o farmacêutico. Percebeu-se que apenas alguns estudantes informaram ter solicitado ao farmacêutico informação acerca do medicamento usado na automedicação. Resultado divergente ao encontrado no estudo de Zampieron et al.²², em que o farmacêutico teve um papel de destaque de orientação na prática da automedicação pelos estudantes, posto que 70,96% dos participantes revelaram que receberam informações essenciais sobre o medicamento, tais como posologia, administração, indicação terapêutica, efeitos adversos e até sobre interação com alimentos no momento da aquisição do medicamento. Assim, é importante enfatizar que o farmacêutico tem demonstrado uma maior atuação no momento da dispensação, uma vez que, além de disponibilizar o medicamento, assegura o seu uso racional e ainda evita problemas relacionados ao emprego destes mediante orientações fornecidas ao paciente²². Adicionalmente, este profissional, ao realizar a anamnese farmacêutica, identifica a necessidade de encaminhamento do paciente a outros profissionais de saúde, o que possibilita uma maior integração com a equipe multidisciplinar.

LIMITAÇÃO DO ESTUDO

O presente estudo apresenta uma limitação que deve ser pontuada. A coleta de dados, que, devido à pandemia da Covid-19 foi realizada de modo *on-line*, pode ter comprometido a adesão dos estudantes em responder o questionário. É importante destacar que esses achados se aplicam a esta amostra em razão da baixa validade externa da pesquisa.

CONCLUSÃO

A prática da automedicação é prevalente entre os universitários de 18 a 23 anos, sexo feminino, solteiros, renda familiar de até 2 salários mínimos e que utilizam o SUS predominantemente como serviço de saúde. A cefaleia foi o principal sintoma que levou à prática da automedicação, o que justifica a utilização frequente dos analgésicos, atrelada à facilidade de acesso nas farmácias e drogarias. Tal fato reverbera ao longo dos anos sobre a necessidade de criação de estratégias em saúde pública (ações de educação em saúde, regulamentações e fiscalizações) quanto à comercialização de medicamentos, em especial os de venda livre.

A confiança no conhecimento sobre o medicamento e o acesso a diferentes fontes de informações são estimulantes para a automedicação. Assim, fazem-se necessárias a reflexão e a criticidade no uso de fontes de informações visando à prevenção e tratamento de problemas e agravos à saúde com a automedicação. A conscientização dos estudantes dos cursos da saúde sobre a automedicação, fatores que influenciam, perigos e custos para o sistema de saúde, individual ou coletivo, devem ser explorados na Graduação. A vertente de abordagem da problemática deve englobar a propagação da prática da automedicação responsável. Para tanto, é essencial a inserção de políticas públicas de saúde voltadas ao URM, e empenho das instituições de ensino na formação de profissionais de saúde éticos, humanistas e conscientes, capazes de orientar a sociedade sobre o uso seguro e racional dos medicamentos.

REFERÊNCIAS

- 1 Arrais PSD, et al. Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. *Revista Saúde Pública*. 2016;50(suppl 2):13.
- 2 Fachinello ACR, et al. Automedicação analgésica entre os acadêmicos do 3º e 8º período do curso de medicina de uma instituição de Ensino Superior de Porto Velho Rondônia. *Revista Saber Científico*. 2019;8(2):52-61.
- 3 Alessandrini L de M, Paim RSP, Lunelli RP. Automedicação em acadêmicos de enfermagem: prevalência e fatores associados. *Ciência e Desenvolvimento – Revista eletrônica da Fainor*. 2020;13(1):185-204.
- 4 Alves DRF, et al. Automedicação: prática entre graduandos de enfermagem. *Rev Enferm Ufpe line* [Internet]. 2019;13(1):363-370. DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v13i02a2380964p363-370-2019>
- 5 Sinitox. Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. Dados de intoxicação de 2017 [Internet]. Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. 2019 [citado em 23 fev. 2022]. Disponível em: <https://sinitox.icict.fiocruz.br/dados-nacionais>
- 6 CFF CF de F. Farmácias de elite [Internet]. Conselho Federal de Farmácia. 2016 [citado em 23 fev. 2022]. Disponível em: <https://www.cff.org.br/noticia.php?id=3879>
- 7 Galato D, Madalena J, Pereira GB. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. *Ciêns Saúde Colet* [Internet]. dez. 2012;17(12):3.323-3.330. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012001200017&lng=pt&tlng=pt
- 8 Oliveira, BMC. Automedicação entre estudantes universitários. XI Encontro Internacional de Produção Científica; Maringá (PR). 2019;1-5. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/epcc2019/188389-automedicacao-entre-estudantes-universitarios>.
- 9 Pereira CM, Santos GY. Automedicação em acadêmicas de odontologia e enfermagem de uma instituição de Ensino Superior do Distrito Federal. *Revista Ciências e Odontologia* 2019;3(2):61-67.
- 10 Tarley MGG, et al. Estudo comparativo do uso da automedicação entre universitários da área da saúde e universitários de outras áreas não relacionados à saúde na universidade de Marília-SP. *Brazilian J Surg Clin Res*. 2018;23(1):22-27.
- 11 OMS. Organização Mundial da Saúde (World Health Organization). The Role of the pharmacist in self-care and self-medication : report of the 4th WHO Consultative Group on the Role of the Pharmacist, The Hague, The Netherlands, 26-28 Aug. 1998 [Internet]. 1998 [citado em 23 fev. 2022]. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/65860>
- 12 BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Medicamentos. Série C. Projetos, Programas e Relatórios, n. 25. Brasília: Ministério da Saúde; 2002;1-40.

- ¹³ CFF. Conselho Federal de Farmácia. Resolução CFF no 586 de 29 agosto de 2013. Regula a prescrição Farmacêutica e dá outras providências. Diário Oficial da União. [Internet]. 2013 [citado 23 de fevereiro de 2022]. Disponível em: https://www.cff.org.br/userfiles/file/noticias/Resolucao586_13.pdf
- ¹⁴ Micali, IA. Estudo para promoção do ensino do uso racional de medicamentos nos cursos de Graduação em Farmácia, Medicina e Odontologia. Natal, RN. Dissertação [Mestrado Profissional em Ensino na Saúde] – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências da Saúde; 2019.
- ¹⁵ Tognoli TDA, et al. Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis – São Paulo. Journal of Health & Biological Science. 2019;7(4):382-386.
- ¹⁶ Coelho, CS. Automedicação em acadêmicos do curso de farmácia em Ariquemes – RO. Arimedes- Rondônia. Trabalho de Conclusão de Curso [Graduação em Farmácia] – Faculdade de Educação e Meio Ambiente – Faema; 2017.
- ¹⁷ Domingues MPS, et al. Automedicação entre os acadêmicos da área de Saúde. Visão Acadêmica [Internet]. 2017 [citado 23 de fevereiro de 2022];18(2). Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/academica/article/view/52943>
- ¹⁸ Figueiredo FR, et al. Automedicação: a prática entre discentes do curso de biomedicina de uma Instituição de Ensino Superior do interior do Tocantins. Amaz Sci Heal. 2020;8(3):20-35.
- ¹⁹ Santos TS, et al. Prática da automedicação entre acadêmicos do curso de enfermagem de uma Instituição de Ensino Superior. Sci Plena. 2018;14(7):1-9.
- ²⁰ Fontes STO. Análise da automedicação em estudantes dos curso da área de saúde. Cuité, PB. Trabalho de Conclusão de Curso [Graduação em farmácia] – Universidade Federal de Campina Grande, 2019.
- ²¹ Pismel LS, et al. Avaliação da automedicação entre estudantes de medicina de uma universidade pública do sudeste do Pará. Brazilian Journal of Health Review. 2021;4(2):5.034-5.050.
- ²² Zampieron RG, et al. Perfil da automedicação em acadêmicos da área da saúde de uma Instituição de Ensino Superior de Sinop-MT. Scientific Electronic Archives. 2019;12(5):101-110.
- ²³ Freitas VP, Marques MS, Duarte SFP. Automedicação em universitários do curso de Graduação da área de saúde em uma Instituição de Ensino Superior Privada em Vitória da Conquista. Id On Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia [Internet]. 2018;12(39):25-37. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/938>
- ²⁴ INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Resumo técnico do Censo de Educação Superior 2019. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Brasília; 2019.
- ²⁵ Colares KTP, et al. Prevalência e fatores associados à automedicação em acadêmicos de enfermagem. Revista de Enferm Ufpe On Line. 2019;13:1-9.
- ²⁶ Filler, LN, et al. Caracterização de uma amostra de jovens e adultos em relação à prática da automedicação. Psicol e Saúde em Debate. 2020;6(2):415-429.
- ²⁷ Porto, TNR, et al. Automedicação induzida pelos fatores midiáticos : uma abordagem no ambiente acadêmico. Revista Eletrônica Acervo Saúde. 2020;(41):1-9.
- ²⁸ Teixeira, ADS. Perfil de automedicação de acadêmicos da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas. Trabalho de Conclusão de Curso [Graduação em Farmácia] – Universidade Federal de Pelotas; 2020. Disponível em: <http://repositorio.unan.edu.ni/2986/1/5624.pdf>
- ²⁹ Valério MCJ, Morretes M. Perfil do consumo de medicamentos por graduandos em uma universidade do Planalto Norte Catarinense. Saúde e Meio Ambiente: Revista Interdisciplinar. 2020;9:299-310.
- ³⁰ Gama ASM, Secoli SR. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil. Rev Gaúcha Enferm [Internet]. [citado 23 de fevereiro de 2022]. 2017;38(1). Disponível: <http://www.scielo.br/j/rgenf/a/HQm9Gznw68wWrB7wtWR4FMQ/abstract/?lang=pt>

Submetido em: 17/3/2022

Aceito em: 29/6/2023

Contribuições dos autores:

Concepção e desenho do estudo:

Chiara Erminia da Rocha

Revisão de literatura:

Josefa de Jesus Querino

Chiara Erminia da Rocha

Aquisição de dados:

Josefa de Jesus Querino

Análise e interpretação de dados:

Josefa de Jesus Querino

Chiara Erminia da Rocha

Elaboração do manuscrito:

Josefa de Jesus Querino

Revisão intelectual do manuscrito:

Chiara Erminia da Rocha

Todos os autores aprovaram a versão final do texto.

Conflito de interesse: Não há conflito de interesse.

Autor correspondente: Chiara Erminia da Rocha

Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Antônio Garcia Filho

Prof. Antônio Garcia Filho. Av. Governador Marcelo Déda, 13, Centro. Lagarto/SE, Brasil.

CEP 49400-000.

E-mail: josefaquerino67@gmail.com

EDITORES:

Editora Associada: Dra. Christiane de Fátima Colet

Editora-chefe: Dra. Adriane Cristina Bernat Kolankiewicz

Todo conteúdo da Revista Contexto & Saúde
está sob Licença Creative Commons CC – By 4.0.